

Símbolo

Símbolo segundo Jung

Em minha concepção, o conceito de símbolo é bem distinto do simples conceito de *sinal*. Significado *simbólico* e *semiótico* são coisas bem diversas. Em sentido estrito, FERRERO não fala, em seu livro, de símbolos mas de sinais. Por exemplo, o costume antigo de entregar, na venda de terras, algumas relvas é designado vulgarmente como “simbólico”, mas, por sua natureza, é totalmente semiótico. A relva é um sinal que representa a terra adquirida. A roda alada do ferroviário não é um símbolo da ferrovia, mas um sinal de que a pessoa integra o serviço ferroviário. O símbolo, no entanto, pressupõe sempre que a expressão escolhida seja a melhor designação ou fórmula possível de um fato relativamente desconhecido, mas cuja existência é conhecida ou postulada. Se a roda alada do ferroviário for tida como símbolo, dir-se-á que este homem tem algo a ver com uma entidade desconhecida que não pode ser expressa melhor ou de outra maneira do que por uma roda com asas. Vol VI par 903.

Toda concepção que explica a expressão simbólica como analogia ou designação abreviada de algo conhecido é *semiótica*. Uma concepção que explica a expressão simbólica como a melhor formulação possível, de algo relativamente desconhecido, não podendo, por isso mesmo, ser mais clara ou característica, é *simbólica*. Uma concepção que explica a expressão simbólica como paráfrase ou transformação proposital de algo conhecido é alegórica. Explicar a cruz como símbolo do amor divino é semiótico, pois o “amor divino” designa o fto que se quer exprimir, bem melhor do que uma cruz que pode ter ainda muitos outros sentidos. Simbólica seria a explicação que considerasse a cruz além de qualquer explicação imaginável, como expressão de um fato místico ou transcendente, portanto psicológico, até então desconhecido e incompreensível, que pudesse ser representado do modo mais condizente possível só pela cruz. Vol VI par 904.

Enquanto um símbolo for vivo, é a melhor expressão de alguma coisa. E só é vivo enquanto cheio de significado. Mas, uma vez brotado o significado dele, isto é, encontrada aquela expressão que formula melhor a coisa procurada, esperada ou pressentida do que o símbolo até então empregado, o símbolo está *morto*, isto é, só terá ainda significado histórico. Pode-se continuar falando sobre o que ele foi no passado, antes que tivesse nascido dele uma expressão melhor. A maneira como Paulo e a especulação mística mais antiga tratam a cruz mostra que para eles era um símbolo vivo que representava o indizível que *forma insuperável*. Para qualquer interpretação esotérica, o símbolo é morto, pois o esoterismo lha dá – muitas vezes supostamente – expressão melhor, tornando-se mero sinal convencional para relações que podem ser melhor entendidas de outra forma. Somente do ponto de vista esotérico o símbolo é vivo. Vol VI par 905.

Uma expressão usada para designar coisa conhecida continua sendo apenas um sinal e nunca será símbolo. É totalmente impossível, pois, criar um símbolo vivo, isto é, cheio de significado, a partir de relações conhecidas. Pois o que assim foi criado não conterà nada mais do que nele foi colocado. Todo produto psíquico que tiver sido por algum momento a melhor expressão possível de um fato até então desconhecido ou apenas relativamente conhecido pode ser considerado um símbolo se aceitarmos que a expressão pretende designar o que é apenas pressentido e não está ainda claramente consciente. Na medida em que toda teoria científica encerra uma hipótese, portanto é uma descrição antecipada de um

fato ainda essencialmente desconhecido, ela é um símbolo. Além disso, todo fenômeno psicológico é um símbolo, na suposição que enuncie ou signifique algo mais e algo diferente que escape ao conhecimento atual. Esta suposição é absolutamente possível onde há uma consciência que procura outras possibilidades de sentido das coisas. Só não é possível, e assim mesmo só para esta consciência, quando ele mesmo apresenta uma expressão que diz exatamente o que era intencionado como, por exemplo, numa fórmula matemática. Mas para uma outra consciência não existe esta limitação. Ela pode considerar a fórmula matemática como símbolo para um fato psíquico desconhecido e oculto à intenção que o estabeleceu, na medida em que este fato não é comprovadamente conhecido daquele que criou a expressão semiótica e não poderia, pois, ser objeto de uma utilização consciente. Vol VI par 906.

As sensações normais são relativas, isto é, correspondem praticamente à intensidade do estímulo físico. As sensações patológicas não são relativas, isto é, são anormalmente fracas ou fortes; no primeiro caso, são inibidas, no segundo, são exageradas. A inibição nasce da predominância de outra função; o exagero resulta da fusão anormal com outra função, por exemplo, da fusão com uma função do pensamento ou do sentimento ainda indiferenciada. O exagero desaparece quando a função que está fundida com a sensação se diferencia por si mesma. A psicologia das neuroses dá exemplos bem ilustrativos pois, muitas vezes, uma forte *sexualização* (FREUD) está presente em outras funções, isto é, existe uma fusão da sensação sexual com outras funções. Vol VI par 894.

Orientando-se a atitude global do indivíduo pela função do sentimento, falamos de um tipo *sentimento*. Vol VI par 901.

Não pode haver evolução apenas com intenção e vontade. É preciso que haja também o símbolo atrativo, cuja quantidade de valor supere o da causa. Também não pode haver formação do símbolo, sem que a alma se detenha, por um tempo bastante prolongado, nos fatos elementares, isto é: até que a necessidade interior ou exterior do processo vital produza uma transformação na energia. Se o homem vivesse de modo meramente instintivo e automático, as transformações poderiam dar-se segundo leis meramente biológicas. Vemos alguma coisa deste gênero ainda na vida psíquica dos primitivos que é, ao mesmo tempo, totalmente concretista e totalmente simbolista. No homem civilizado, o racionalismo da consciência, tão útil sob outros aspectos, revela-se um empecilho para a transformação pacífica da energia, pois que a *ratio* [razão] se coloca, sempre exclusivamente, de um ou de outro lado, com o fim de evitar sua intolerável antinomia; aferra-se convulsivamente aos valores por ela uma vez escolhidos, e isto na medida em que a realidade da razão humana é considerada com “substância imutável”, excluindo-se conseqüentemente, a sua concepção simbolista. Mas a *ratio* [a razão] é apenas relativa e anula-se em suas próprias antinomias. Também ela é apenas meio em ordem a um fim, uma expressão simbólica de uma etapa transitória do desenvolvimento. Vol. VIII par 47.

Da mesma maneira como na natureza física só uma parte muito pequena da energia natural pode ser convertida em uma forma utilizável na vida prática, enquanto se deve deixar a parte imensamente maior atuando, inproveitada, nos fenômenos naturais, assim também em nossa natureza psíquica só uma pequena parte da energia total pode ser desviada de seu curso natural. Uma parte incomparavelmente maior não pode ser utilizada por nós, mas sustenta o curso regular da vida. Por isto é que a libido se acha distribuída, naturalmente, entre os diversos sistemas funcionais aos quais não pode se subtrair inteiramente. A libido está *investida* nestas funções como uma força específica que não pode ser transformada. Só onde o símbolo oferece uma diferença de potencial maior do que a da natureza é possível

canalizar a libido para outras formas. A história da civilização nos mostra amplamente que o homem possui um excedente de energia que é capaz de outra aplicação, além do fluxo natural. O fato de que o símbolo torna possível esta deflexão prova que nem toda a libido se acha fixada em uma forma natural que determina o seu curso natural, mas sobra uma certa quantidade de energia que poderia chamar-se de *excedente da libido*. É possível imaginar que este excedente se deve ao fato de que as funções firmemente organizadas não conseguem o equilíbrio satisfatório entre as diferenças de intensidade. Elas poderiam ser comparadas a um aqueduto cujo diâmetro é demasiado estreito para desviar uma determinada quantidade de água que se substitui constantemente. A água transbordaria de uma forma ou de outra. Este excedente de libido dá origem a certos processos psíquicos que não podem ser explicados – ou só o podem de modo muito inadequado – como resultado de condições meramente naturais. São processos religiosos cuja natureza é essencialmente simbólica. Sob a forma abstrata, os símbolos são idéias religiosas; sob a forma de ação, são ritos ou cerimônias. São manifestações e expressões do excedente da libido. Constituem, ao mesmo tempo, degraus que levam a novas atividades que, especificamente, devemos chamar culturais, para distinguí-las das funções instintivas que seguem seu curso regular, de acordo com as leis da natureza. Vol. VIII par 91.

SCHOPENHAUER diz: “Entendo por idéia aquele grau fixo e determinado de objetivação da vontade enquanto coisa em si e, portanto, estranha à pluralidade, graus que se comportam, na verdade, para as coisas particulares como suas formas eternas ou como seus protótipos”. Para SCHOPENHAUER, a idéia é coisa visual porque a concebe no mesmo sentido daquilo que eu chamo imagem primordial; é inacessível ao conhecimento do indivíduo, revela-se apenas ao “sujeito puro do conhecimento” que se elevou acima do querer e da individualidade. Vol. VI par 817.

Não pretendo trazer mais citações sobre a natureza primária da idéia. Bastam estas para mostrar que a idéia é concebida como grandeza fundamental e existente *a priori*. Esta última qualidade ela deve a seu precursor, à *imagem* simbólica primordial. Sua natureza secundária de abstração e derivação ela a deve à elaboração racional à qual é submetida a imagem primordial para servir ao uso racional. A imagem primordial é uma grandeza psicológica, sempre e em toda parte autóctone. O mesmo pode-se dizer da idéia, ainda que devido à sua natureza racional, esteja muito mais sujeita a modificações pela elaboração racional e formulações que correspondem às condições de lugar e ao espírito da época. Por causa de sua proveniência da imagem primordial, alguns filósofos lhe atribuem qualidades transcendentais; segundo penso, isto não convém à idéia, mas à imagem primordial que tem a qualidade de ser intemporal porque é dada como integrante do espírito humano sempre e em toda parte. Também sua qualidade de autonomia ela a tira da imagem primordial que jamais foi criada mas está sempre presente, aparecendo na percepção tão espontaneamente que poderíamos dizer estar ela procurando por si mesma sua realização, porque o espírito a sente como potencia ativa e determinante. Esta concepção não é geral, prova velmente é questão de atitude. Vol. VI par 821.

Idéia. Neste trabalho emprego às vezes o conceito idéia para designar certo elemento psicológico que tem relação íntima com o que denomino *imagem*. a imagem pode ser de procedência *pessoal* e *impessoal*. No último caso, é coletiva e caracteriza-se por qualidades mitológicas. Digo, então, que é imagem *primordial*. Se não tiver caráter mitológico, ou seja, não tiver qualidades evidentes e for apenas coletiva, então falo de idéia. Emprego, portanto, o termo idéia para expressar o significado de imagem primordial, *significado* que foi abstraído do concretismo da imagem. Enquanto abstração a idéia aparece como algo

derivado de fatores elementares ou a partir deles desenvolvido, como produto do pensar. É neste sentido, de algo secundário e derivado, que a idéia é considerada por WUNDT e outros. Vol. VI par 815.

A água é o símbolo mais comum do inconsciente. O lago no vale é o inconsciente que, de certo modo, fica abaixo da consciência, razão pela qual muitas vezes é chamado de “subconsciente”, não raro com uma conotação pejorativa de uma consciência inferior. A água é o “espírito do vale”, o dragão aquático do Tão, cuja natureza se assemelha à água – um yang incluído no yin. Psicologicamente a água significa o espírito que se tornou inconsciente. Por isso, o sonho do teólogo diz corretamente que ele pode experimentar na água o efeito vivo como um milagre de cura na piscina de Betesda. A descida às profundezas sempre parece preceder a subida. Outro teólogo sonhou [Nota Aclarativa. 25. Não é de se espantar que se trate novamente do sonho de um teólogo, pois um sacerdote obviamente já se preocupa com o tema da Ascensão. Tantas vezes deve falar acerca disto que é natural surgir a pergunta de como sua própria ascensão espiritual ocorre.] *que avistara uma espécie de Castelo do Graal sobre uma montanha. Ele caminhava por uma estrada que parecia conduzir diretamente ao pé da montanha e à subida. Ao aproximar-se da montanha, porém, descobriu, para seu grande desaponto, que um abismo o separava da montanha, uma garganta profunda e escura onde corria, rumorejando, uma água do submundo. Havia um atalho íngreme que levava ao fundo e subia penosamente do outro lado. A perspectiva não era das melhores.* O sonhador então acorda. Aqui também ele almeja alcançar alturas luminosas, mas depara primeiro com a necessidade de mergulhar numa profundidade escura, que se revela como condição indispensável para uma ascensão maior. O homem prudente percebe o perigo nas profundezas e o evita, mas também desperdiça o bem que conquistaria numa façanha corajosa, embora imprudente. Vol. IX/1 par 40.

Esta problemática é nova, pois em todas as épocas precedentes acreditava-se em deuses de um modo ou de outro. Foi necessário um depauperamento dos símbolos para que se descobrisse de novo os deuses como fatores psíquicos, ou seja, como arquétipos do inconsciente. Essa descoberta, sem dúvida alguma, parece inverossímil até os dias atuais. Para ser convincente é aquela experiência esboçada no sonho do teólogo, pois só assim pode ser experimentada a ação espontânea do espírito movendo-se sobre as águas. Desde que as estrelas caíram do céu e nossos símbolos mais altos empalideceram, uma vida secreta governa o inconsciente. É por isso que temos hoje uma psicologia, e falamos do inconsciente. Tudo isto seria supérfluo, e o é de fato, numa época e numa forma de cultura que possui símbolos. Estes são espírito do alto e assim pois o espírito também está no alto. Por isso seria tolice e insensatez para tais pessoas desejar a vivência do inconsciente e investigá-lo, pois ele nada contém além do silencioso e imperturbável domínio da natureza. Nosso inconsciente, porém, contém a água viva, espírito que se tornou natureza, e por isso está perturbado. O céu tornou-se para nós espaço cósmico físico, o empíreo divino, uma encantadora lembrança de como as coisas eram outrora. Mas “nosso coração arde” e uma secreta intranqüilidade corrói as raízes do nosso ser. Podemos indagar com a *Völuspâ*: O que murmura Wotan sobre a cabeça de Mimir? A fonte já está fervendo. Vol. IX/1 par 50.

O processo simbólico é uma *vivência na imagem e da imagem*. Seu desenvolvimento apresenta geralmente uma estrutura enantiodrômica, tal como o texto do *I Ching*, apresentando portanto um ritmo de negativo e positivo, de perda e ganho, de escuro e claro. Seu início é quase sempre caracterizado por um beco sem saída ou qualquer outra situação impossível; sua meta em amplo sentido é a iluminação ou a consciência superior, através da qual a situação é superada num nível superior. Em relação ao fator tempo, o processo pode

ser comprimido num só único sonho ou num curto momento de vivência, ou então entender-se por meses ou anos, dependendo da situação inicial do indivíduo envolvido no processo e da meta a ser atingida. É obvio que a riqueza dos símbolos oscila extraordinariamente. Tudo, no entanto, é vivenciado numa forma imagética, isto é simbolicamente, não se tratando porém de perigos fictícios, mas de riscos muito reais, dos quais pode depender todo um destino. O perigo principal é sucumbir à influência fascinante dos arquétipos, o que pode acontecer mais facilmente quando as imagens arquetípicas *não são conscientizadas*. Caso exista uma predisposição psicótica pode acontecer que as figuras arquetípicas – as quais possuem uma certa autonomia graças à sua numinosidade natural – escapem ao controle da consciência, alcançando uma total independência, ou seja, gerando fenômenos de possessão. No caso de uma possessão pela alma, por exemplo, o paciente que transformar-se por autocastração numa mulher chamada Maria, ou então receia que algo semelhante aconteça violentamente. O melhor exemplo disto é o livro de SCHREBER. Os pacientes descobrem muitas vezes toda uma mitologia da alma, com numerosos temas arcaicos. Um caso deste tipo foi publicado há tempos por NELKEN. Outro paciente descreveu suas próprias experiências em um livro e comentou-as. Menciono estes casos porque ainda há pessoas que pensam serem os arquétipos quimeras subjetivas do meu cérebro. Vol. IX/1 par 82.

O próprio Cristo é o símbolo supremo do imortal que está oculto no homem mortal. Habitualmente este problema é representado por um motivo dual, por exemplo, pelos Dioscuros, um dos quais é mortal e o outro, imortal. Um paralelo indiano é o do par de amigos:

“Dois amigos unidos, esvoaçantes,
Abraçam juntos a mesma árvore;
Um deles come a frutinha doce,
O outro olha para baixo, sem comer.
O Espírito sobre essa árvore pairando
Sofre em sua impotência aflito, delirante;
mas quando louva e contempla
a onipotência e majestade do outro
Vê sua dor se esvaindo”. Vol. IX/1 par 218.

Como vimos, é indispensável levar em conta a exata situação consciente na interpretação dos sonhos. Da mesma forma, é importante considerar as convicções filosóficas, religiosas e morais conscientes, para trabalhar com a simbologia do sonho. É infinitamente mais aconselhável, na prática, não considerá-la semioticamente, isto é, como sinal ou sintoma de caráter imutável, mas sim, como um verdadeiro símbolo, isto é, como expressão de um conteúdo que o consciente ainda não reconheceu e formulou conceitualmente, e também relacioná-la com a respectiva situação consciente. Digo que *na prática* isso é aconselhável, pois na teoria existem símbolos relativamente fixos. Mas em sua interpretação, temos que ter o maior cuidado para não referi-los a conteúdos conhecidos e a conceitos formuláveis. Por outro lado, se tais símbolos relativamente fixos não existissem, não haveria como descobrir o que quer que seja sobre a estrutura do inconsciente, pois não haveria nada que se pudesse reter ou a que se pudesse dar nome. Vol. XVI par 339.

Símbolo, segundo os escritos de Adenauer

- **Símbolo**¹ - Representa algo cuja existência é reconhecida, porém não se revela presente. “O símbolo, no entanto, pressupõe sempre que a expressão escolhida seja a melhor designação ou fórmula possível de um fato relativamente desconhecido, mas cuja existência é conhecida ou postulada.” “Uma expressão usada para designar coisa conhecida continua sendo apenas um sinal e nunca será um símbolo.”² Pode-se, portanto, inventar um sinal, nunca um símbolo. Os símbolos têm a capacidade de transformar e redirecionam a energia psíquica instintiva em favor do processo de desenvolvimento da personalidade. Eles são produzidos constantemente na *psiquê* e surgem nos sonhos e nas fantasias.

Sinais e símbolos da vida³

Sinais e símbolos da vida são observáveis em cada fase, ao longo da existência. Podem ser vistos na infância, na puberdade, na adolescência, na iniciação sexual, na vida profissional, na relação com o dinheiro, nas doenças vividas, nas companhias que se atrai, nas atividades de lazer preferidas, dentre outras. As fortes e específicas experiências e suas circunstâncias, em cada uma dessas fases e momentos da vida, acrescentadas aos eventos que as marcaram, merecem adequadas e compreensivas leituras. Durante, e principalmente após essas fases, podem ser observados caminhos ou percursos que denunciam uma certa ordem implícita ou supra-humana, propondo algo além do que a consciência deseja e percebe. Saber decodificar os sinais e símbolos da vida pode se tornar importante recurso para o encontro consigo mesmo e com o sentido da própria existência.

Entender a própria vida é um grande desafio, pois não é simples conseguir enxergar-se a partir dos próprios parâmetros, os quais são adotados para perceber os outros. O observador tem dificuldade em ser o objeto observado. Para se fazer uma leitura adequada de si mesmo é preciso estar atento aos sinais que a própria vida oferece. São eventos que marcam as várias fases da existência e que devem ser elencados sob um ponto de vista único, buscando uma ordenação que promova uma melhor percepção do significado da vida. Para tanto, deve-se dividir a vida em fases, lembrando-se dos eventos significativos em cada uma delas.

A infância é um período no qual a maioria das experiências da vida não obedece ao desejo consciente do ser. As ocorrências são impostas pela própria Vida, coercitivamente, ou pelos pais. Há pessoas, cuja totalidade da infância se deu sob circunstâncias aversivas ou que viveram experiências negativamente marcantes. Casos como orfandade, morte dos pais ou de um deles, abuso sexual, eventos

¹ NOVAES, Adenáuer. *Sonhos: mensagens da alma*. 3. ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2005, p. 22.

² C. G. Jung, *Obras Completas Vol. VI*, parágrafos. 903 e 906.

³ NOVAES, Adenáuer. *Mito Pessoal e Destino Humano*. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2005. p.81-91.

traumáticos, doença congênita grave, maus tratos, dentre outros, ocorridos em tenra idade, denunciam um futuro viés nas ocorrências da vida adulta, bem como possíveis alterações na personalidade. Haverá uma tendência compensatória na vida adulta, como consequência e reação a qualquer dessas ocorrências, visando o equilíbrio psíquico geral. A personalidade tentará automaticamente se ajustar à tensão provocada na consciência pelo evento aversivo da infância. A identificação de certas ocorrências graves na infância e de como a personalidade se adaptou, investigação típica da Psicologia Clínica, pode ser útil na percepção do mito pessoal. Uma análise do indivíduo não se esgota nesta investigação, mas dela se utiliza para uma maior compreensão da totalidade do ser. Cada uma daquelas ocorrências da infância é indicadora de processos mal resolvidos no passado, servindo de pista para uma condução adequada do processo de reeducação do indivíduo em evolução contínua. A educação básica não deveria desprezar aquelas ocorrências, pois elas não se pagam da mente infantil.

Sem ser uma ocorrência aversiva, o fato de um indivíduo ser filho único também trará consequências na vida adulta, denunciando um viés característico e permitindo, por esse motivo, a percepção de parte do mito pessoal. O filho único tem tendência à inflação do próprio *ego*, pela falta de competidores na infância. Por não ter se acostumado a dividir as coisas, tendo exclusiva atenção dos pais, apresentará traços em sua personalidade resultantes desse contexto.

Grandes transformações ocorrem na adolescência, do ponto de vista físico, emocional e espiritual. É a fase em que a maturação biológica se inicia, colocando o espírito em contato com potencialidades até então adormecidas. As demonstrações emocionais são mais evidentes, visando a educação dos impulsos internos, ainda em descontrole. É também a fase em que se conclui o processo de assunção da individualidade em seu novo corpo, completando psicologicamente a reencarnação. Nesta fase podem ocorrer certas experiências difíceis ao espírito, que acabam por alterar o caminho natural da vida. Podem-se manifestar mais claramente os *complexos* psicológicos que inibem ou, por outro lado, impulsionam a realização adequada da personalidade. A forma como se dão as relações interpessoais, e consigo mesmo, podem ser denunciadoras de aspectos da personalidade que está se formando e reveladoras de indícios do mito pessoal que se configurará no futuro. A dificuldade em romper psicologicamente com a família e de adaptar-se ao meio social em que deve aprender a viver, fora do ambiente doméstico, são exemplos disso. Por outro lado, quando o espírito não aceita a família em que reencarnou ou quando há ocorrência de inimizade persistente dentro do núcleo familiar, também sugere algum conflito maior. O uso de drogas ou a adoção de comportamentos manifestamente agressivos ou apelativos, diferenciados de seu meio, são outros indícios de anormalidade na personalidade. A forma como o adolescente reage nesta fase, diante de desafios típicos, serve como parâmetro para a avaliação do seu mito pessoal. Mais do que na infância, é fundamental a investigação das ocorrências nessa etapa da vida. Ela costuma marcar intensamente as escolhas futuras em todas as dimensões da vida.

Um outro indicador para a percepção do mito pessoal é a forma como se deu, ou não, a iniciação sexual. Na sociedade atual tem-se notado que a busca pela descoberta do corpo e do prazer, bem como o encontro íntimo com alguém, tem ocorrido durante a adolescência. Em alguns casos, esse momento tem sido precoce, em outros, adiado. Analisando caso a caso, o adiantamento ou atraso no encontro sexual pode ser indício de algum conflito da personalidade. Da mesma forma, o exagero em práticas de autoprazer sexual ou uso de fetiches para obtenção do gozo também é indício de conflito. Qualquer que seja a época escolhida para a efetiva iniciação sexual, deve também ser objeto de análise a forma como esta se deu, e qual foi a sua repercussão na mente consciente do indivíduo. Como lidou com os primeiros momentos e o significado que atribuiu à prática que iniciou devem ser analisados. Quando a pessoa tem dificuldades nesse campo, nesta fase da vida, isso costuma repercutir em seu comportamento adulto. Tais observações também servem de parâmetro para a análise do mito pessoal.

A relação do indivíduo com a educação formal, isto é, sua vida escolar, é outro indicador. Sua capacidade de assimilação de conteúdos lógicos e a possibilidade de utilizá-los na vida comum são determinantes. Insucessos, com atrasos na vida escolar, são indicadores da personalidade e determinantes para o destino do indivíduo. Sua vida estudantil, com as avaliações pertinentes e vitórias alcançadas, servem como elementos basilares para as decisões da vida profissional e para a relação do indivíduo com o mundo adulto. A forma como a pessoa vivenciou sua vida escolar, bem como os percalços ocorridos, devem ser analisados e relacionados com outras ocorrências similares para uma melhor avaliação do mito pessoal. Entraves que contribuíram para os insucessos escolares, que não dependeram do indivíduo, acontecendo à sua revelia, não devem ser motivos para excluir o fato da análise. Quaisquer que sejam os motivos, havendo insucesso ou atraso, deverá ser computada a ocorrência para a compreensão do mito pessoal.

Geralmente é na adolescência que ocorre a definição e, algumas vezes, a busca por uma definição profissional. O indivíduo faz sua escolha entre seus anseios íntimos, os desejos parentais e as ofertas possíveis da sociedade. Alguns se demoram na escolha ou não se definem adequadamente. A maioria tem dúvida sobre o que quer e muitos não alcançam o que desejam. As dificuldades em escolher e o tempo para se estabelecer profissionalmente revelam aspectos importantes do mito pessoal. Outros seguem oportunidades familiares, em continuidade a profissões dos pais ou parentes mais próximos, movidos por facilidades que acabam por direcionar a escolha profissional. O caminho para a ascensão profissional e os percalços para alcançar uma profissão estável denunciam sinais da Vida para com aquela pessoa. Além da definição profissional, a forma como se deu, ou não, a inserção no mercado de trabalho, bem como uma possível alternância em empregos, também denunciam aspectos relevantes do mito pessoal.

Outra forma de entender o mito pessoal é a maneira como a pessoa lida com a energia monetária. A maior ou menor facilidade em ganhar dinheiro, bem como as diversas maneiras como o gasta, servem como parâmetros de análise da

personalidade do indivíduo. O dinheiro simboliza as aspirações humanas, pois com ele se obtém aquilo que move o desejo humano. Adquiri-lo significa poder realizar os objetivos de uma vida. Sua aquisição, através do trabalho, é o resultante de experiências na vida. As dificuldades em obtê-lo, bem como as perdas ou seu mau uso, são sinais reveladores dos desafios da pessoa. São as experiências que se tem com seu uso ou com sua falta que podem nos oferecer indícios para a identificação do mito pessoal. Saber lidar com a energia do dinheiro é uma arte que capacita o indivíduo à compreensão de que nada possui, mas apenas administra bens em toda a sua existência, no corpo físico ou fora dele.

Através das doenças, a Vida também oferece outros sinais, de certa forma dolorosos, para que o indivíduo se perceba e se aprimore. O fato de estar num corpo suscetível, a qualquer tempo, à morte deve levá-lo à reflexão de que o adoecer físico é previsível. Lidar com a doença é tão obrigatório quanto desejar a saúde. Independentemente do fato incontestável da morte, existem doenças que surgem no decorrer da vida e que não se devem ao desgaste natural do corpo físico. Algumas surgem desde o nascimento, condicionadas geneticamente e apontam para processos *cármicos* em dissolução. Outras se devem a fatores psicogênicos, isto é, de origem psíquica, resultantes de processos emocionais cuja representação no corpo físico é mórbida, decorrentes de atitudes da atual encarnação ou de vidas passadas. As doenças surgidas no decorrer da vida, sua frequência, intensidade e as dificuldades de cura, são sinais que denunciam importantes aspectos do mito pessoal. Da mesma forma, doenças psíquicas ou transtornos mentais também denunciam, pelo tipo, intensidade e forma de exteriorização, aspectos do mito pessoal. Quanto mais complicado ou complexo seja o processo que envolve o diagnóstico e o tratamento da doença, mais simples será a percepção do mito pessoal correspondente. As doenças psíquicas são indicadores mais consistentes para a percepção do mito pessoal, do que aquelas que acometem o corpo físico.

Um outro sinal que a Vida apresenta, para a identificação do mito pessoal, pode ser obtido pelos vínculos estabelecidos com as pessoas, ao longo da vida. Tais vínculos podem ser de várias naturezas. Desde aqueles estabelecidos pelo amor, até os de natureza aversiva. Que personalidades se aproximaram e se vincularam a você durante sua vida? As características das personalidades que entram em nossas vidas estão relacionadas a processos íntimos e inconscientes que precisam vir à nossa consciência. São verdadeiros “convites” que nos são feitos, visando o nosso próprio autoconhecimento. Por mais que rejeitemos algumas, aproximam-se de nós pessoas que “convidamos” inconscientemente a fazer parte de nossas vidas. Mesmo que não gostemos de suas atitudes e características pessoais, elas se conectam a aspectos inconscientes de nossa própria personalidade. São representações simbólicas das *personas* que abrigamos em nosso mundo inconsciente. O conjunto de pessoas e o caráter de cada uma delas, que fizeram e fazem parte de nossa vida, compõem o mosaico de personagens que povoam nosso mundo interior. São retratos em negativo de nosso mundo íntimo e servem, no seu conjunto, como um dos parâmetros para a percepção do mito pessoal.

Um outro sinal da vida é a escolha do tipo de lazer preferido e o tempo que a ele é dedicado. A não existência do lazer, qualquer que seja o motivo, também denuncia aspectos do mito pessoal. A prática de um lazer atende a uma necessidade psíquica, muitas vezes visando o equilíbrio entre o sagrado e o profano. Sua realização preenche a necessária distensão existente entre o materno e o paterno, como forças que se opõem dentro do psiquismo humano. Além da naturalidade em experimentar um lazer, o desequilíbrio entre essas forças ou a polarização de uma delas conduz o indivíduo à necessidade de vivê-lo. Tal prática exigirá dedicação, ao mesmo tempo em que não deverá se constituir num fim em si, para não gerar um resultado contrário à distensão pretendida. Necessitará de medidas e de adequação ao estilo de ser da pessoa. Os gastos, riscos, complexidade, inclusão de pessoas, dentre outros fatores associados à prática do lazer, servirão como elementos de análise para o mito pessoal.

Uma pessoa que fui visitar num hospital, por ter sido acometida de um câncer no seio esquerdo, já em restabelecimento, contou-me parte de sua vida. Ela era a filha caçula do segundo casamento de seu pai. Aos três anos de idade sua mãe faleceu subitamente, deixando-a aos cuidados de uma tia materna, o que a distanciou do pai, que só a visitava mensalmente. Sua tia tinha outros filhos e, muito embora fosse uma pessoa boa, não lhe dava a atenção que ela queria e necessitava. Seu pai era Juiz de Direito numa cidade próxima à em que morava. Viveu sua infância entre choros e limites impostos pela nova criação, sendo preterida em relação aos primos, todos maiores que ela. Muitas vezes, já na puberdade, abafava seu choro, motivado pela falta da mãe, para não ser criticada pelos primos, com quem convivia. Era tida como chorona e boba. Descobriu logo cedo seu gosto pelo estudo, no que se destacou em relação aos primos. “Vingava-se” deles sendo a melhor aluna em todas as disciplinas e em comportamento. Tímida e retraída, era vista como um modelo de estudante. Sua adolescência foi caracterizada pela dedicação quase exclusiva aos estudos. Dedicava-se muito pouco ao lazer e à socialização com outros adolescentes. Tinha apenas uma amiga, com quem confidenciava seus anseios de se tornar uma magistrada. Via seu pai muito pouco, por conta dos seus compromissos profissionais. Sentia sua falta e parecia que ele não lhe dedicava o mesmo sentimento. Não se entusiasmava em namorar, nem com os divertimentos típicos de sua idade e de seu meio. Não ia a festas ou badalações típicas. Alcançou a Universidade e entrou para a Faculdade de Direito. Mesmo tímida, no primeiro ano de faculdade começou a namorar um rapaz, com quem veio a se casar após sua formatura. Seu namoro e seu casamento pareciam ser apenas o cumprimento de um ritual social, sem a paixão que geralmente envolve os nubentes. Sua diversão principal era estudar. Seu pai veio a falecer meses antes de sua formatura, deixando-a muito triste. Dois anos depois, casada e sem filhos, passou para a magistratura num concurso, em primeiro lugar, tendo a oportunidade de escolher onde trabalhar. Decidiu instalar-se na cidade em que seu pai trabalhou, como se quisesse seguir seus passos. Dedicou-se ao Mestrado e ao ensino do Direito. Em poucos anos conseguiu, com méritos, a titularidade numa Vara na capital, sendo admirada pelos seus pares

pela competência, seriedade e senso de justiça. Sua vida era seu trabalho. Seu marido, após cinco anos de um casamento sem filhos, interessou-se por outra mulher, rompendo a relação com ela. Separada, triste e se sentindo infeliz, afogou-se mais ainda nos estudos. Fez doutorado e outros cursos em sua área, tornando-se especialista em casos complexos da área do Direito Familiar. Seus poucos amigos eram advogados, juristas ou pessoas ligadas ao ensino. Vivia só com seus livros e com uma gata que adotara após a separação. Sua vida amorosa e sexual havia se estagnado com a separação. No trato profissional era tida como uma pessoa de princípios rígidos. Às vezes cometia certas indelicadezas em nome da verdade, por achar que deveria dizê-la de qualquer jeito. Ela afigurava a lei e o Estado. Tomara para si a tarefa de ser a fiel representante da verdade e da lei. Tornara-se uma ermitã em plena metrópole na qual se instalara. Era muito honesta com dinheiro e sabia economizar para futuras necessidades. Gastava o mínimo, geralmente com livros. Seu lazer se resumia às poucas idas ao teatro e a assistir um ou outro artista de sua preferência. Estava com trinta e seis anos e era a primeira vez que adoecera. Num exame de rotina, descobriu nódulos no seio e ali estava fazendo tratamento quimioterápico, após uma mastectomia parcial. Não entendia por que aquilo acontecera com ela. Questionava-se do porque ter sido “escolhida” para passar por aquela doença. No fundo estava revoltada com a vida e com Deus. Sua revolta não era expressa sob a forma de choro. Era muito racional para tal. Havia sido taxada de chorona na infância e, desde a puberdade, decidira não se mostrar frágil. Seu choro estava preso. Precisava colocar sua fragilidade para fora.

Fui visitá-la a pedido de um amigo, também Juiz, que lhe presenteara com meu livro *Alquimia do Amor*, que aborda o tema da Depressão. Ela estava deprimida desde que descobrira sua doença. Após a leitura do livro e sabendo de minha relação com seu amigo, insistiu com ele para me conhecer. Nossa conversa foi longa, pois me interessava por sua história, parecendo que já a conhecia. Via certas experiências de sua vida em alguns de meus pacientes. O mesmo mito sendo seguido sem que seu agente tivesse consciência do que ocorria consigo. Em minha visita não tinha a pretensão de tornar-me seu terapeuta, mas sabia que poderia ajudá-la a entender sua vida e o significado de seu câncer. Questionei-lhe se ela tinha dimensão das conseqüências, em sua personalidade e em sua vida, das ausências materna e paterna. Sem conseguir respostas claras, além de chorar pelas perdas que teve, queria que lhe dissesse o porquê de estar vivendo daquela forma. Falei da busca pelo pai e da negação do feminino como tendências inconscientes em sua vida, bem como da falta de espiritualidade.

A personalidade de uma pessoa, bem como as experiências e escolhas havidas, não pode ser explicada por uma ou outra ocorrência da vida, tampouco por um fator inconsciente. Embora certas experiências do passado e do presente, conscientes ou inconscientes, interfiram na formação da personalidade, não são determinantes absolutos de sua totalidade. Compõem os vetores que a constroem, merecendo análise e avaliação, visando transformações na vida consciente. A complexidade da

própria individualidade já é suficientemente grande para justificar muitas ocorrências da vida, sem falar na questão das influências espirituais possíveis.

Expliquei-lhe a respeito do *arquétipo* paterno, dominante em sua vida, como se fosse uma bandeira sempre desfraldada. A perda da mãe a levou mais intensamente a querer a companhia do pai. Querer estar com o pai, sentindo-se órfã e refém do destino, conduziu-a na tentativa de ser como ele. Viveu em função dessa busca arquetípica. Procurou compensar a falta com a dedicação extremada ao estudo e à profissão. Enviesou sua vida para ocupar a posição do pai. A falta do elemento materno, no qual projetaria seu ideal de mulher e de mãe, contribuiu para uma postura masculina diante da vida. Tornara-se pouco feminina, sem qualquer conotação homo-erótica nem relativa à sua identidade sexual. O afastamento do feminino, negligenciando a dimensão afetiva, contribuiu para o aparecimento do câncer, cujas causas eram anteriores à atual encarnação. Seu corpo respondia e retratava seus aspectos psíquicos inconscientes. Seu mito se aproximava da identificação com a ordem, a disciplina, a lei, o poder e tudo aquilo que o *arquétipo* paterno promove como tendência.

Nem sempre a própria pessoa consegue interpretar adequadamente os sinais e símbolos em sua vida. Muitas vezes é necessário o auxílio de outros para a compreensão devida. Geralmente pessoas que estejam por fora de nossa vida e que tomam conhecimento de certas experiências, conseguem sintetizá-la adequadamente. Na maioria dos casos, elas trazem informações sobre nosso mito pessoal de forma muito apropriada. Seria salutar que, de tempos em tempos, solicitássemos a alguém uma análise sintética e isenta de nossa vida, a partir do relato das experiências significativas.

Muitas vezes, os sinais e símbolos da vida são avisos que servem à percepção de como está nossa experiência reencarnatória, como também como alerta para correções necessárias.